

# PLACA PARA DUNGA RODRIGUES

## BOARD FOR DUNGA RODRIGUES

Icleia Lima e Gomes

Amanhã, dia 15 de julho de 2013, a professora Dunga Rodrigues completaria 98 anos de idade. Morreu aos 81 anos em Santos (SP), onde mantinha uma segunda residência, mais próxima de suas irmãs e sobrinhos. Lá foi cremada e as cinzas foram trazidas para Cuiabá e depositadas no túmulo da família, juntamente com seus pais e avós, no cemitério do Porto, numa cerimônia singela e emocionante, após uma missa na Catedral de Bom Jesus de Cuiabá.

No ano passado (2012), no dia de Todos os Santos, lavei a sepultura e coloquei flores. Nenhum sinal indicava que ali estavam os seus restos mortais, penso que ela própria preferisse o anonimato, e que suas cinzas fossem lançadas nas correntezas do rio Cuiabá. Porém, o que nos importa, é que o espírito dessa mulher maravilhosa e as lembranças de uma digna representante da cultura e do viver cuiabano, nos envolve em uma aura de alegria, música e poesia.

Num preito de gratidão e saudade, uma placa, confeccionada em aço inoxidável com retrato em porcelana, conforme ilustração abaixo, será instalada na sua sepultura, com o consentimento expresso de sua única irmã viva, a Sra. Olga Rodrigues.

O trabalho de arte gráfica foi elaborado gentilmente por Elaine Caniato e Ramon Carlini da Editora TantaTinta, sendo sua confecção custeada por mim, com o auxílio do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e seus membros.

Sinto-me profundamente honrado em participar desse preito, agradecido a todos que colaboraram, mas, sobretudo, grato a Deus por ter tido em minha vida uma rica experiência de aprendizagem e de crescimento pessoal na convivência da professora Dunga, sentimentos que compartilho extensivamente com todos os seus amigos e admiradores.



Num dia qualquer dos anos 80, consegui levar Dunga Rodrigues para uma sala de aula de Literatura Regional, no Curso de Letras da UFMT. A intenção era mostrar pela mão de sua autora o livro “*Marphysa*”, um delicioso texto de delicadíssima prosa ambientada no dizer-fazer-sentir cuiabano. Dunga falou da personagem Marphysa mais que de si, mas acabou escancarando justamente essa “simplicidade, bom humor e sabedoria” aqui referida, marca muito forte no seu modo de ser no mundo. Também nessa época, participando da comissão julgadora de um concurso de contos promovido pelo Estado de Mato Grosso e examinando com os demais parceiros os textos anônimos dos candidatos, quase gritei: “-- Este conto é de Dunga!” Lembro-me da reação dos demais da banca, um misto de deboche e reprovação.” \_\_ Imagine! Uma escritora, já consagrada, não iria participar de um certame para iniciantes!” Bati o pé que era dela, sim, continuamos o exame, definimos o 1º, 2º e 3º lugares etc. e daí abrimos as identificações: Bingo! Ali estava Dunga, autora do 1º e não sei se mais o 3º e a Menção Honrosa! Foi um *forfé* entre nós e os outros do evento. Claro que não importa aqui a referência ao extremo prazer intelectual pelo acerto do meu grito. Importa o que moveu Dunga para juntar-se aos outros contistas: segundo ela mesma, “não tinha certeza nenhuma da qualidade de seus escritos e precisava se misturar com os bons e que ninguém soubesse nada dela, nem que era uma mulher, nem que tocava piano”. Dunga Rodrigues foi mesmo um exemplo meridianamente claro de “sabedoria, bom humor e simplicidade” e, se eu pudesse e falasse a língua dos anjos, lavaria hoje, além de sua sepultura, os cenários das histórias que ela contou e de um certo perfume de violetas da personagem de um de seus contos...

Goiabeiras, Cuiabá, 14 de julho de 2013